

ATIVIDADE DE LETRAMENTO NO INES: CONTO DE HISTÓRIA ACESSÍVEL AO SURDOCEGO

Representations of the deaf alterity in the advertising text:
the "O Boticário" Christmas campaign

André Luiz Aragão Bastos¹

Cristiane Taveiras²

Introdução

Os alunos de graduação do Departamento de Ensino Superior (DESU) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) desenvolvem as estratégias didáticas do projeto de Leitura Compartilhada. Minha pesquisa ajuda a descrever essa pesquisa sobre a contação de história com dados sobre a surdocegueira. O trabalho faz parte de uma iniciativa de estudos da professora Cristiane Taveira, minha orientadora de TCC. Precisamos ajudar a aprimorar ou criar materiais acessíveis e adaptados, acompanhados de didáticas e estratégias de letramento e uma dessas didáticas consiste no conto e reconto de histórias em Libras e em Libras tátil para crianças surdas e surdocegas.

1

2

As crianças surdas e surdocegas precisam ser estimuladas em sua experimentação para compreender as histórias infantis de maneira mais clara. Para isso, é preciso contar e recontar histórias, sentir, tocar os materiais, perceber o ritmo da leitura do narrador, a expressão facial e corporal no conto de histórias em Libras e em Libras-tátil. Nos pareceu que acertamos em algumas estratégias de uso de material acessível e adaptado para o letramento visual, conforme descrevo em detalhes neste material de pesquisa.

Miniaturas e objetos para sentir via tátil e brincar com crianças

Em nossa formação desenvolvermos objetos de conto de história, construímos adaptações de imagens com ampliações e texturas, maquetes, e objetos para crianças surdas e surdocegas brincarem, perceberem, sentirem o tatear, os odores, os movimentos. Utilizamos como referência Lucia Reily (2006, 2010), que defende o acesso à imagem para todas as crianças. A criança surda e surdocega precisa de materiais adaptados e, portanto, acessíveis.

A criança surdocega precisa aprimorar o tato; não só ela, mas também os surdos em geral, porque usa habilidades viso-gestual-táteis (VGT), conforme nos explicam Paddy Ladd e Janie Gonçalves (2011). Os surdocegos com baixa visão precisam usar o resíduo da visão, das mãos na face, das mãos em contato com as mãos do contador para levar aos objetos adaptados, lúdicos, texturas com foco na experimentação, ou seja, para sentir e tocar. Precisam usar o pouco da visão pois podem perdê-la. A expressão facial precisa estar bem próxima do rosto de uma criança surdocega e é preciso estimular o toque, o contato, para ajudar no reconhecimento facial no caso de baixa visão ou de outras necessidades de compreensão.

As miniaturas servem para que o aluno surdocego experimente. Os brinquedos de plástico, os com pelos, uma variedade de possibilidades. Foi preciso melhorarmos as estratégias didáticas, cara a cara, corpo a corpo, junto às crianças surdas e surdocegas e treinar modos de apresentar os materiais reais, miniaturas, brinquedos. A criança surdocega costuma trazer objetos para perto dos olhos e do corpo. Também costuma querer aproximar bastante o rosto dos livros infantis. Agradeço a professora Cristiane Taveira por ter descrito para mim todas as fotos e os momentos vividos nos encontros de orientação e nesse material de relato sobre práticas de que participamos.

Também igualmente importantes foram os tradutores-intérpretes que me explicaram sobre alguns objetos e texturas usados para ampliar a compreensão daquilo que estamos adaptando para as crianças. Não posso esquecer do primeiro que me auxiliou nessa compreensão, o estudante de pedagogia e contador de histórias Thiago Reis, bolsista, que, juntamente com a professora Cristiane Taveira, foram incansáveis em abrir a sala de materiais didáticos e a brinquedoteca, para que eu experimentasse e testasse todos os materiais. Diversas vezes os meus colegas mediavam o conhecimento comigo, foi uma fase de minha vida acadêmica de grande aprendizagem para os ajustes de acessibilidade e a atuação dos guias-intérpretes e tradutores.

A pesquisa de final de curso de graduação em Pedagogia compõe o relato de experiência de conto de história que descrevo neste artigo conjunto com a orientadora. Mas não é a primeira vez em que me envolvo com a prática de conto histórias em parceria com a professora Cristiane Taveira. Minha investigação de boas práticas de letramento começou com uma colaboração entre a pesquisa da minha então orientadora Cristiane Taveira e a minha professora de estágio de Educação Infantil, Claudia Pimentel.

O público era composto de crianças surdas e crianças surdocegas e de baixa visão de 3 a 5 e anos de idade no contexto da Educação Infantil, como é explicado brevemente neste material com exemplos e fotografias com descrição para cegos e surdocegos acompanharem. A experiência desses anos que relatei envolveu grupos com crianças surdas e surdocegas.

Local da prática: conto da história da erva-mate

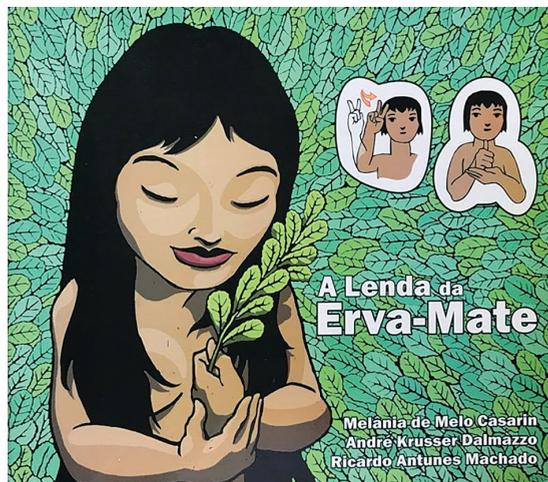
Em 2017, participei de três experiências que foram também foco da minha observação e participação em atividades de conto de história.

O local de estágio e de pesquisa foi o Serviço de Atendimento à Infância (SEDIN) do INES. A primeira história foi a “Lenda da erva-mate”. Vou relatar neste artigo as minhas experiências, brevemente, juntamente com a orientadora de TCC, Cristiane Taveira.

O livro *Lenda da erva-mate* faz parte do Projeto Mãos Livres, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), coordenado pela prof^a Melânia Casarin. É uma lenda indígena do sul do Brasil. O livro já tinha uma ideia de sinais em Libras e o Thiago Reis Viana, excelente contador de história surdo carioca,

da nossa faculdade, adaptou-a para a realidade regional do Sudeste, e também para a idade de crianças de 3 anos a 5 anos de idade.

Imagem da capa



Thiago Reis se comunicando em Libras-tátil com André Aragão. Nesta foto, nós dois estamos estudando o texto da *Erva-mate* antes da apresentação.



Fizemos uma adaptação do livro para o conto de história. Com o livro ampliado, com imagens maiores e letra Arial Black 36, negrito, pude ler e

discutir os sinais com Thiago Reis, para ficar tudo de acordo com crianças surdas pequenas. Assim, eu fui o narrador, que lia a história, em parceria com o contador de história, o Thiago. Eu servi de espelho, pessoas que conseguia adaptar ainda mais as expressões faciais e corporais.

Cenário da história *Lenda da Erva-mate*

A minha parceria com o Thiago Reis e com a professora Cristiane Taveira foi importante para que eu explorasse todos os objetos de composição do cenário de conto de história. Fiz uma testagem e experimentação sensorial de todos os objetos: oca, bichos (jacaré, tucano, coruja, esquilo, quati), folhagens, árvore, chimarrão, canudo do chimarrão, cuia e pilão indígena, arco e flecha, pó de mate torrado e mate verde. Temos algumas fotos do cenário.

Foto do chimarrão, da cuia, do pote indígena, do pilão e das folhas de mate



Os materiais de composição do cenário foram produzidos em conjunto com pedagogos do 6º período. O roteiro da peça de teatro da lenda da erva-mate foi organizado pela minha turma durante seis meses de trabalho. A percepção de usos de materiais sensoriais foi aprimorada com a minha presença de surdocego.

Além da minha participação, a etapa de testagem dos usos de materiais e da técnica para o conto de histórias contou com Thiago Reis, Thiago Moret, Fernanda Rocha, Jeferson Belchior, Ilson do Espírito Santo e Mônica Mendonça. A seguir, uma foto do cenário com os colegas atores vestidos de indígenas, a oca ao fundo, os animais no centro do cenário e todos apontam para o cacique, que está triste.

Foto do cenário da história “Lenda da erva-mate”.



Conto de história “Festa no céu”

A segunda história foi a lenda “Festa no céu”, do livro *Festa no céu, um conto de nosso folclore*, de Angela Lago. Narrei a história e contamos com a dramatização de atores surdos da minha turma em meados de 2017. O livro possui pintura em tons muito claros, chamados de tons pastéis ou tons bebês, como se fossem esfumados, sem nitidez e sem linhas de contorno. As ilustrações eram difíceis de compreender para alunos com baixa visão e surdocegueira. Novamente eu precisei da parceria de Thiago Reis, excelente contador de histórias para crianças, que me auxiliou na adaptação das frases do texto para a Libras. Fui também o narrador dessa história. Servi como um espelho para Thiago Reis. Eu contava a história página a página com pausas, para que o Thiago a recontasse.

Cenário da história “Festa no céu”

O cenário da festa no céu precisou de mais capricho para crianças com surdocegueira e baixa visão, para exploração via tátil: casa, nuvens do céu, violão. O cenário era típico das festas juninas e os surdos apreciam muito essa festa no INES.

A seguir a foto do meu posicionamento, sentado com mesa na lateral do teatro, Thiago Reis espelhando no centro e Thiago Moret de urubu na outra ponta.

Cenário da história "Festa no céu".



Materiais confeccionados em isopor.



A preparação do material e de formas para uso de instrumento musical – violão –, de bichos com carapaça ou casco – tartaruga – e penas para o urubu, entre outros materiais, durou um semestre inteiro.

As maquetes foram produzidas por Ellen Nubia, em conjunto com alunos do 6º período, incluindo a casa em miniatura com iluminação própria e os violões com tartaruguinha dentro.

Materiais confeccionados em isopor.



Pinturas de rosto foram realizadas pela professora Cristiane. Na foto a seguir, temos a pintura de rosto da tartaruga, na cor verde, e de rosto do urubu, na cor preta.

Os roteiros de apresentação foram organizados e conferidos pelos bolsistas de pesquisa Thiago Moret, Thiago Reis e Viviane Souza. A equipe tinha mútua colaboração (minha e de André Aragão), da orientadora, Cristiane Taveira, de Thiago Reis e Thiago Moret.

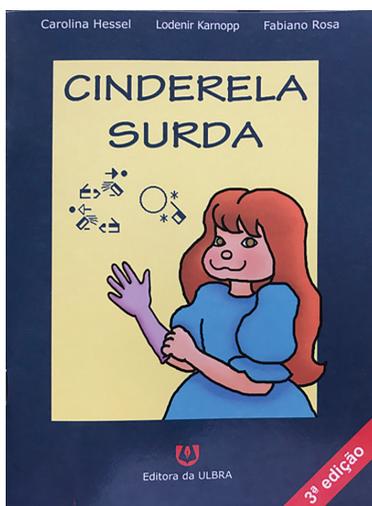
Cenário para a história “Festa no céu”.



“Cinderela surda”, um clássico da literatura surda

A capa do livro original está a seguir, mas o livro foi ampliado e totalmente adaptado para o explorarmos sensorialmente, via tátil.

Capa do livro *Cinderela surda*.



O livro sensorial foi feito especialmente de forma ampliada e texturizada, tendo sido necessário um semestre para coletar materiais de diversas texturas para fazer as roupas dos personagens e outros elementos destacados nas ilustrações. Conforme orientado sobre as adaptações de imagens, não podemos pontilhar ou usar tinta relevo em todas as linhas de uma figura. Também não podemos colocar texturas em todas as figuras. Precisamos escolher as mais importantes, as principais para a compreensão da história. Além disso, para dar tempo para a criança sentir o livro sensorial ou multissensorial. A organização desse rico material está apresentada nas fotos a seguir:

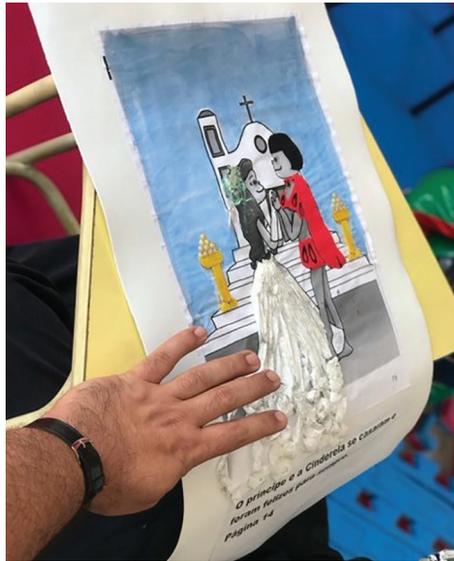
Na primeira foto sou eu, com o livro ampliado e texturizado no momento do conto de história. Estou de preto, usando óculos e com o meu relógio.

Livro ampliado e texturizado.



Na segunda foto, para sentir com as pontas dos dedos, a página com a cena do casamento e o vestido de noiva de Cinderela, todo em papel fino de bala, mostrando vários detalhes do véu e da cauda longa de noiva. Também tem a textura de veludo na capa de camurça vermelha do príncipe. E a textura das madeiras das pilastras da entrada da igreja.

Livro ampliado e texturizado



Cenografia e brinquedos

Havia vários móveis pequenos no SEDIN (Serviço de Educação Infantil), de casinha de boneca: penteadeira, espelho. Havia uma pia feita pela professora Cristiane Taveira, minha orientadora de pesquisa. Panelinhas, apetrechos de limpeza como balde, vassoura, comidas em miniatura providenciadas pela mesma professora e pelos bolsistas. Também havia no cenário um grande relógio, cavalinhos de pau para as crianças experimentarem.

Abóbora fruto e carruagem de abóbora para a criança brincar.



Todas as fotografias foram feitas pelo outro pesquisador do grupo Educação, Mídias e Comunidade Surda, o professor Alexandre Rosado.

A montagem da história obteve ajuda da maioria dos pedagogos surdos do DESU, na concepção dos materiais para a peça de teatro apresentada junto com a contação. Os autores dessas etapas constam do arquivo online de nosso grupo de pesquisa Educação, Mídias e Comunidade Surda. A etapa posterior foi feita por mim, Thiago Moret, Indira Cardoso, Ilson Espírito Santo e as professoras do DESU que acompanhavam o estágio no SEDIN. Cleudes costurou as roupas nas mesmas cores do livro ampliado e adaptado.

Experimentações de materiais: o que é importante o surdocego saber para se aprimorar?

A minha participação como estagiário e pesquisador surdocego se deu em colaboração para as seguintes funções e tarefas que compartilho como conclusão parcial desta pesquisa:

1. Para que eu explorasse objetos sensoriais em minhas práticas de estágio com o conto de histórias: livros, cenários, objetos do cenário, texturas presentes nos objetos.
2. Para que nós todos debatêssemos formas de ajustar o texto à faixa etária de crianças pequenas.
3. Para que nós discutíssemos as diversas adaptações em Libras, Libras-tátil, tradução-interpretação surdo e surdocego “ em espelhamento”: um fazia a leitura e o outro adaptava. O reconto precisou desse equilíbrio para garantir a participação do pedagogo surdocego.
4. Tempo para as crianças sentirem o livro, principalmente, as surdocegas.
5. Tempo para as crianças brincarem.
6. Tempo para todos nós treinarmos a apresentação do conto de histórias.
7. Testar objetos. Veja na foto adiante eu testando os objetos do cenário de cozinha da Assembleia dos ratos

Nos anos 2017-2019 fiz várias leituras teóricas para melhorar meu entendimento sobre a adaptação de materiais para o letramento de crianças



surdocegas. Minha última experiência me deu um prêmio de melhor pôster no Congresso Internacional do INES (COINES) 2019. Vejam a minha foto apresentando o pôster, junto à orientadora e à guia-intérprete Elisete.

Há sempre um guia-intérprete ou um estudante de pedagogia ao meu lado para me avisar sobre as reações das crianças ou sobre o término da dramatização de uma cena. Muitos TILS colaboraram na minha formação.

Algumas reflexões ao final

Concluir a escolaridade da Educação Infantil até o Ensino Superior depende muito de incorporar as atividades pedagógicas no dia a dia. Verifica-se, em geral, a falta da proposta de acessibilidade. A sala inclusiva para a criança surdocega e de baixa visão precisa ser inteiramente usada, bem como o uso de espaços como fizemos no conto de histórias: no refeitório, no parque, no teatro, em casa, na rua, para que assim ela possa como perceber o mundo. Aprender a comunicação em Libras tátil, estimular as atividades pedagógicas no dia a dia, faz com que a criança surdocega incorpore conceitos.



A escola precisa disponibilizar um guia-intérprete, um instrutor de Libras, recursos de Tecnologia Assistiva, e também material ampliado ou em Braille, objetos que viabilizam a comunicação. Basicamente precisamos de acessibilidade; estratégias didáticas, material adaptado, Libras tátil, guia e muita proximidade com o outro. Esse trabalho só é possível em equipe.

REFERÊNCIAS

LADD, P.; GONÇALVES, J. C. do A. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed ULBRA, 2011, p.295-329.

REILY, L. O ensino de artes visuais na escola no contexto da inclusão. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 30, n. 80, p. 84-102, jan.-abr., 2010. Disponível em: [<http://www.cedes.unicamp.br>]. Acesso em 10 fev. 2012.

REILY, L. *Escola inclusiva: Linguagem e mediação*. Campinas, 2.ed. SP: Papyrus, 2006.